

## GÊNERO E MEMÓRIA em “ Cem Anos de Solidão”.

Maria Lúcia Vannuchi<sup>1</sup>  
Maria Madalena Gracioli<sup>2</sup>

Cem anos de solidão<sup>3</sup>, do colombiano Gabriel Garcia Marquez foi publicado em 1967; traduzido para 35 idiomas, atingiu a marca de 30 milhões de exemplares vendidos. Foi merecidamente agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982 e, corroborando opinião de Pablo Neruda, reconhecido, durante o IV Congresso Internacional de Língua Espanhola, ocorrido na cidade de Cartagena, em 2007, como a 2ª obra mais importante da literatura hispânica, cedendo espaço apenas ao clássico seiscentista D. Quixote de La Mancha, do espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra.

O texto percorre a saga do cabalístico número de sete gerações de Buendía, na sucessão de Aurelianos e José Arcádios, nomes que conferiam características semelhantes aos personagens que nomeavam.

Na longa história da família, a tenaz repetição dos nomes permitira que ela [Úrsula] tirasse conclusões que lhe pareciam definitivas. Enquanto os Aurelianos eram retraídos, mas de mentalidade lúcida, os Josés Arcádios eram impulsivos e empreendedores.... (p.177 -178).

Todas as gerações são acompanhadas pelo olhar atento da matriarca Úrsula, longeva esposa do primeiro José Arcádio, filho de Aureliano, o fundador da fictícia Macondo, presumível Aricatata, cidade natal de Gabo.

Garcia Marquez vai paulatinamente revelando a missão dos Buendía e desvendando os misteriosos pergaminhos do cigano Melquíades que encerravam, em si, a sina da família, e que somente são decifrados nas últimas páginas do texto, quando qual mandala, o círculo se fecha e cumpre-se o destino inicialmente enunciado, de Aureliano a Aureliano: o nascimento de um Buendía com rabo de porco, gerado na transgressão do milenar tabu do incesto.

A narrativa, prosa da mais alta poesia, segue as trilhas do realismo mágico, desenhando realidades inacreditáveis que se derramam em antológicas palavras: “a atmosfera estava tão úmida que os peixes poderiam entrar pelas portas e sair pelas janelas, navegando no ar dos aposentos” (p. 300).

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Unesp de Araraquara (SP), professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia- M.G.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Unesp de Araraquara (SP), com estágio pós-doutoral no CES – Coimbra, Portugal, coordenadora e professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava – S.P.

<sup>3</sup> GARCIA MARQUEZ, Gabriel. Cem anos de solidão. Rio de Janeiro: Record, 1993.

Essa corrente literária, também denominada realismo fantástico ou realismo maravilhoso, surgida no início do século XX, expressa a reação da ficção hispanoamericana ao realismo/naturalismo do século XIX. Ela reinventa a linguagem para dar conta da extraordinária realidade latinoamericana e delinear a presença do estranho, exótico, inverossímil, aparentemente irreal, no cotidiano de pessoas reais, cujas ações eram movidas pelos significados que atribuíam à monumental realidade vivida. Assim, aproximam-se sonho e vigília, em uma incessante alternância que delinea as tênues fronteiras entre normalidade e insana genialidade, entre lucidez e loucura.

José Arcádio Buendía é um dos sábios personagens que transita por esse fio limítrofe. Ao ser diagnosticado como louco, é amarrado a uma árvore - sua nova morada a céu aberto - por longo espaço de tempo. Mas, longe estava de qualquer insanidade; antes, dispunha “de lucidez bastante para vislumbrar a verdade de que também o tempo sofria tropeços e acidentes [...]” (p.331). Quando seus familiares entenderam que sua branda “sandice” não oferecia qualquer perigo, desamarram as cordas que o atavam, e, surpreendentemente, ele dela não se afastou, enredado que estava em peias invisíveis, em simbólicas cercas introjetadas.

A trama é urdida no cenário de um exíguo espaço vital, seguindo as badaladas de um tempo ora linear, ora circular, que repete vivências, sem de fato as repetir, por meio de *flashback*, e, sobretudo, *flashforwards*, haja vista o fuzilamento do Coronel Aureliano Buendía, reiteradamente prenunciado. No momento quem se encontra aprisionado, à espera de sua execução, o coronel reflete sobre a força das profecias que trazem para o presente, como fato inexorável, um futuro possível, e chega à conclusão de que “o tempo não passava (...) mas girava em círculo”. (p.319).

No caleidoscópio de um tempo multidimensional, o cigano Melquíades ordenava “os fatos não no tempo convencional dos homens, mas concentrando tudo em um século de episódios cotidianos, de modo que todos coexistiram num mesmo instante”. (p.393). Ele representava a perspectiva científico-racional, embutida nas novidades que trazia, arauto de um progresso que agitava o secular e mágico “atraso” de Macondo, aproximando, em dialética interrelação, duas lógicas contrapostas.

Na dança de mudanças e permanências, tem lugar central o “vício” de fazer para desfazer que acomete diversos personagens: Úrsula e suas lembranças; Coronel Aureliano Buendía e os peixinhos de ouro; José Arcádio II e os pergaminhos de Melquíades; Amaranta, tal qual Penélope, e sua própria mortalha.

Sua vida [Amaranta] se escoava a bordar o sudário. Afirmava-se que bordava durante o dia e desbordava durante a noite, e não com a esperança de vencer deste modo a solidão, mas, ao contrário, para sustentá-la. (p. 249).

Solidão que, se verbo fosse, na compreensão do Coronel Aureliano Buendía, conjugaria-se com velhice: “o segredo de uma boa velhice não é outra coisa senão um pacto honrado com a solidão” (p.194). Esse secular tempo de Macondo que gerava a velhice e a solidão, defrontava-se com a celeridade do tempo da modernidade.

Esse processo de aceleração temporal principia com a chegada do trem de ferro e ganha força com a instalação da companhia bananeira, símbolos da emergência de uma nova organização social, estruturada sob a égide do capital, que empurra a pacata Macondo para anômicos despenhadeiros. Com a entrada dos gringos, a cidade não passa a conhecer, como anunciado, progresso e desenvolvimento, mas sim o inchaço, e o crescimento econômico apenas dos proprietários de dormentes e de bananais. Tal celeridade e obsolescência instantânea, intuída por Úrsula, desorganiza práticas rotineiras, ideias, valores e sentimentos arraigados.

A matriarca, do alto de seus 115 a 122 anos, ganhava, em perspectiva panorâmica, a lucidez e a clarividência que, de mãos dadas à solidão, a velhice trazia. Constatava aquilo que só os olhos da cegueira que a acometera e aguçara outros sentidos, são capazes de enxergar: a incapacidade de amar do Coronel Aureliano Buendía, o medo de amar de Amaranta, e a coragem de amar de Rebeca, a comedora de terra úmida e cal, capaz de transgredir padrões para viver suas escolhas.

São os olhos cegos de Úrsula que conseguem encontrar uma aliança, perdida por Fernanda Del Capiro - esposa de seu bisneto Aureliano Segundo - por meio da observação de alterações na rotina da casa, ao compreender que “a procura das coisas perdidas é dificultada pelos hábitos rotineiros” (p.238). Na permanência, tudo fica opaco e invisível, nada se encontra; é o diferente que faz enxergar.

A trama debruça-se sobre a imbricação de nossas necessidades de mudanças - ampliadoras de horizontes - e de nossas necessidades de enraizamento e pertença. Bem ressalta o fundador de Macondo, a estreita vinculação das matrizes identitárias com espaços vivências e suas temporalidades, ao observar que “a gente não é de um lugar enquanto não tem um morto enterrado nele” (p.19).

Dentre as permanências que clamam por mudanças, Garcia Marquez não passa ao largo da violência de gênero, expressa, sobretudo, na indignação de alguns(a) personagens da teia, face à exploração sexual de menores.

É impactante o relato do encontro, à época da peste da insônia, de Aureliano com a mulata adolescente, que por imposição da avó deitava-se a cada noite com dezenas de

homens, ao preço individual de vinte centavos, para ressarcir-la do prejuízo que ela lhe causara. Há dois anos, a velha mulher tivera a casa incendiada, por descuido da menina que dormira com uma vela acesa; esquecera-se de apagá-la.

A mulata adolescente, com as suas tetazinhas de cadela, estava nua na cama. Antes de Aureliano, nessa noite, sessenta e três homens tinham passado pelo quarto. De tanto ser usado, e amassado com suores e suspiros, o ar da alcova começava a se transformar em lodo. A moça tirou o lençol ensopado e pediu a Aureliano que o segurasse por um lado. Pesava como uma cortina. Espremeram-no, torcendo-o pelos extremos, até que voltou ao seu peso [ ... ] tinha as costas em carne viva. Tinha a pele colada nas costelas e a respiração alterada por um esgotamento insondável. (p.55).

E pelos cálculos da moça ainda lhe faltavam uns dez anos de setenta homens por noite para quitar a dívida.

Até mesmo no bordel de mentira dos arrabaldes de Macondo, a exploração das prostitutas e a miséria eram reais:

[...] as putinhas tímidas que vinham das vizinhanças quando a proprietária lhes avisava que haviam chegado clientes eram pura invenção. Apareciam sem cumprimentar, com os vestidinhos floridos de quando tinham cinco anos a menos, e os tiravam com a mesma inocência com que os tinham vestido [...] e depois de ter recebido o seu peso e cinquenta centavos gastavam-no num pão com um pedaço de queijo que a proprietária vendia, mais risonha do que nunca, porque só ela sabia que nem essa comida era de verdade. (p.368).

Outro trecho que causa espécie é a morte de Remédios Moscote, inegável decorrência do amor quase pedófilo que por ela nutria Aureliano Buendía. Casaram-se quando ela era ainda uma criança que brincava com bonecas, e cujo útero imaturo foi incapaz de suportar a precoce maternidade.

...a pequena Remédios acordou à meia-noite, ensopada por um caldo quente que explodira nas suas entranhas com uma espécie de arrote rasgante, e morreu três dias depois, envenenada pelo próprio sangue, com um par de gêmeos atravessados no ventre. (p.87-88).

Tinha muito o que lavar as águas do dilúvio, mito bíblico e metáfora da violência que marcou a modernização da América Latina e a degradação de suas relações sociais. Elas lavam Macondo quando a companhia bananeira retira-se, deixando as marcas vampirescas de sua insaciável sede de lucro. Contrariando a opinião corrente de que a ruína fora provocada pela saída da companhia, Aureliano brada que “Macondo tinha sido um lugar próspero e bem encaminhado até que o perturbasse, corrompesse e explorasse a companhia bananeira, cujos engenheiros provocaram o dilúvio como pretexto para fugir ao compromisso com os trabalhadores”. (p.331).

Longa chuva de quatro anos, onze meses e dois dias, à qual se seguiu uma estiagem de dez anos, desertificadora de valores e afetos e marco da irreversível decadência da cidade, também contada a pincel, por Garcia Marquez “numa sexta-feira, às duas da tarde, iluminou-

se o mundo com um sol bobo, vermelho e áspero como poeira de tijolo e quase tão fresco como a água, e não voltou a chover durante dez anos” (p.314).

Nas trilhas da destruição trazida pela companhia tem centralidade a matança, na estação, de três mil, quatrocentos e oito trabalhadores que a ela ousaram resistir, metralhados pelo exército, cujos corpos foram empilhados em duzentos vagões com destino à sepultura das profundezas do mar. Matança que só restou na memória de testemunhas que dela escaparam, posto que silenciada nos registros e documentos oficiais. Inclusive nos expedientes judiciais e nos livros didáticos nem constava a existência da companhia bananeira. A ocultação do massacre de Macondo é mais um episódio, recorrente na América Latina, sobretudo em períodos ditatoriais, de apagamento da memória dos vencidos, do esquecimento, por imposição do vencedor. Era alucinada a versão de Aureliano, tão diversa da admitida pelos historiadores e consagrada nos textos escolares? No rastro das águas “a inércia das pessoas contrastava com a voracidade do esquecimento que pouco a pouco ia consumindo sem piedade as lembranças [...]” (p.238).

Macondo já conheceu a peste da insônia, que embora não maltratasse os corpos, em permanente estado de vigília, tendia a evoluir para um crônico estado de esquecimento:

... quando o doente se acostumava ao seu estado de vigília, começavam a apagar-se da sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até se afundar numa espécie de idiotice sem passado (p.47).

A peste levava as pessoas por ela acometidas a um estado de alucinada lucidez, quando não conseguiam dormir e sonhavam acordadas. Utilizaram contra ela, por engenhosidade do coronel Aureliano, o antídoto da palavra, a letra escrita a etiquetar o nome das coisas e a relembrar sua utilidade. Era a forma de preservar um presente volátil, e também um passado “cujo aniquilamento não se consumava, porque continuava se aniquilando indefinidamente, consumindo-se dentro de si mesmo, se acabando a cada minuto mas sem acabar de se acabar nunca.” (p.382).

Não bastassem a peste da insônia, o prolongado dilúvio e a longa estiagem, restava a Macondo conhecer a força dos ventos. As últimas linhas ficcionais contemplam a pequena cidade sendo tragada por um furacão e desterrada da memória dos homens, no exato momento em que o último Buendía, que não por acaso também carregava o sobrenome Babilônia - signo bíblico de desencontros - decifra os pergaminhos. É o final apoteótico de fusão do real vivido com a verdade simbólica dos presságios, das predições, dos mitos e das lendas que se enlaçam na trama da realidade latinoamericana, retratada com mestria por Gabriel Garcia Marquez em “Cem anos de solidão”.

